

EUA analisam proposta para reabertura do Estreito

Plano prevê ainda o fim do bloqueio americano aos portos iranianos

/ ORIENTE MÉDIO

A Casa Branca anunciou que está analisando a proposta mais recente do Irã para reabrir o Estreito de Ormuz, rota marítima por onde passa cerca de um quinto do petróleo comercializado no mundo, dois meses após o início da guerra. As negociações de paz entre Washington e Teerã para acabar com o conflito não apresentaram resultados até o momento. A mais recente rodada de negociações fracassou em meio a um frágil acordo de cessar-fogo em vigor.

O presidente Donald Trump se reuniu na segunda-feira com seus principais conselheiros de segurança para discutir a nova proposta de Teerã. Segundo a agência estatal iraniana Fars, a República Islâmica enviou “mensagens escritas” a Washington com a ajuda do país mediador, o Paquistão.

O plano contemplaria a flexibilização de seu controle sobre Ormuz e o fim do bloqueio dos EUA aos portos iranianos, mas adiaria as negociações sobre a questão nuclear. Ontem, Trump foi às redes sociais dizer que o Irã ‘está em estado de colapso’. “Eles querem que abramos o Estreito de Ormuz o mais rápido possível, enquanto tentam resolver sua situação de liderança (o que acredito que conseguirão fazer!)”, escreveu Trump, sem dar detalhes de como teria sido esse contato.

A porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, confirmou que a oferta estava “sendo discutida”. De acordo com a agência Reuters,



Trump disse que o Irã informou que o país está em ‘estado de colapso’

que ouviu relatos de funcionários do governo Trump, o presidente estaria insatisfeito com o plano apresentado.

O republicano quer que as negociações em torno de um acordo nuclear sejam tratadas desde o início, enquanto Teerã defende que o tema seja deixado de lado até que a ofensiva militar seja encerrada e as disputas sobre o transporte marítimo no Golfo sejam resolvidas.

A proposta prevê negociações em etapas, ainda de acordo com esses relatos. Um primeiro passo exigiria o fim da guerra e garantias de que os EUA não possam retomá-la. Em seguida, os negociadores tratariam do bloqueio naval americano aos portos iranianos e do futuro de Hormuz, que o Irã pretende reabrir sob seu controle.

Somente depois disso as negociações abordariam outras questões, incluindo a disputa sobre o programa nuclear iraniano, com

Teerã ainda buscando algum tipo de reconhecimento por parte dos EUA de seu direito de enriquecer urânio. Um acordo anterior, firmado em 2015 entre o Irã e vários outros países, restringiu fortemente o programa nuclear, que Teerã sempre afirmou ter fins pacíficos e civis. Mas o pacto ruiu quando Trump se retirou unilateralmente durante seu primeiro mandato.

Enquanto a Casa Branca analisa a proposta, o porta-voz do Ministério de Defesa do Irã, Reza Talei Nik, afirmou que os EUA “já não estão em condições de ditar sua política” a outros países. Segundo a televisão estatal, ele ainda disse que Washington terá que “aceitar que deve abandonar suas exigências ilegais e irracionais”.

O secretário de Estado, Marco Rubio, disse que as propostas são “melhor” do que os EUA pensavam, mas questionou a seriedade do plano.

Rubio vê avanço em acordo para desmilitarizar Hamas

Marco Rubio, secretário de Estado dos EUA, diz ver sinais de avanço em um acordo para desmilitarizar o Hamas. Ele afirmou que houve progresso recente nas conversas, apesar de declarações públicas do grupo extremista. “Estamos muito focados nisso. Houve algum progresso, apesar dos anúncios públicos do Hamas. Mas, no fim das contas, precisamos ver isso acontecer, e temos esperança de que nos próximos dias possamos ter boas notícias a respeito”, disse Rubio.

O secretário norte-americano citou Egito e Turquia como

atores envolvidos no processo. “Sei que nossos parceiros no Egito e na Turquia estão envolvidos nesse processo”, afirmou Rubio à Fox News.

Ele afirmou ainda que o tema ganhou tração no fim de semana e condicionou qualquer acordo à retirada de armas do grupo. “Houve alguns sinais promissores durante o fim de semana de que estamos nos aproximando de um acordo com relação à desmilitarização deles. Mas isso precisa acontecer. Todo esse projeto só funciona se o Hamas for desmilitarizado. Até que isso aconteça,

tudo está em questão”, declarou.

Ele evitou comentar se Washington apoiaria uma retomada das operações militares de Israel caso não haja acordo. “Vamos torcer para que possamos evitar isso. Não é o resultado que queremos”.

Rubio falou após relatos de que EUA e Hamas abriram um canal direto de diálogo em abril, pela primeira vez desde o cessar-fogo em Gaza. Duas fontes do Hamas disseram que as conversas ocorreram como parte de esforços para avançar em um acordo mediado pelos EUA.

Israel ordena esvaziamento de 16 cidades no Sul do Líbano

O Exército de Israel emitiu ontem um novo alerta de evacuação para 16 cidades e vilarejos no Sul do Líbano. O comunicado ordena que os moradores desses locais deixem imediatamente suas casas e se dirijam à região de Sidon.

Tel Aviv justificou os ataques contra o país vizinho por a uma suposta violação do cessar-fogo pelo grupo Hezbollah - acusação recorrente de ambos lados na guerra. Além disso, o Exército libanês afirmou que um ataque de Israel durante uma operação de resgate em Majdal Zoun feriu dois soldados das suas forças.

A ofensiva ocorre um dia após o ministro da Defesa de Israel, Israel Katz, afirmar que o Hezbollah “está brincando com fogo” e arrastará o Líbano para uma catástrofe. “Naim Qassem [líder do grupo armado] está brincando com fogo, e esse fogo queimar o Hezbollah e todo o Líbano”, disse Katz.

Apesar da trégua, Israel reservou-se o direito de agir contra “ataques planejados, iminentes ou em andamento”. O Exército israelense realizou ataques repetidos no Líbano desde que o cessar-fogo entrou em vigor, em 17 de abril, e

ocupou parte do território sul.

Moradores libaneses foram alertados a não retornar a suas casas, enquanto tropas permanecem posicionadas em uma faixa de 5 a 10 km ao longo de toda a fronteira do Líbano.

O ministro das Relações Exteriores de Israel, Gideon Saar, afirmou que o país não pretende tomar o controle de território. “Israel não tem ambições territoriais no Líbano. Nossa presença nas áreas vizinhas à nossa fronteira norte tem apenas um propósito: proteger nossos cidadãos”, declarou.

Já Hezbollah, apoiado pelo Irã, afirma ter “direito de resistir” à ocupação. O Itamaraty confirmou que dois brasileiros, uma mãe e seu filho, foram mortos em ataques de Israel no Líbano ocorridos no domingo. Segundo o governo libanês, o número total de mortos no país durante o conflito chegou a 2.521, com mais de 7.800 feridos.

O presidente do Líbano, Joseph Aoun, defende negociações diretas com Israel para pôr fim à ofensiva israelense, enquanto o Hezbollah se opõe às conversas.

Em visita de rei Charles, Trump critica postura de Keir Starmer

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Em um discurso durante a recepção do rei e da rainha Camilla na Casa Branca, Trump disse que a mãe, nascida na Escócia, era admiradora da família real britânica. “Ela amava a família real e amava a rainha (Elizabeth II). E sempre que a rainha participava de uma cerimônia ou de qualquer coisa, minha mãe ficava grudada na televisão e dizia: ‘Olha, Donald, olha como isso é lindo’”, disse.

“Mas também me lembro de ela dizer com muita clareza: ‘Charles, o jovem Charles, ele é tão bonito’”, continuou o republicano. “Minha mãe tinha uma queda por Charles. Dá para acreditar? Fico imaginando o que ela estaria pensando agora”, afirmou.

O rei chegou aos EUA na segunda-feira, para uma visita oficial de quatro dias. O encontro ocorre em meio a um momento de tensão na relação entre americanos e britânicos.

Trump criticou o primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, por se recusar a apoiar as ações militares dos EUA no Irã. A

divergência faz parte de um impasse mais amplo entre Trump e seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a quem ele chamou de “covardes” e “inúteis” por não se juntarem ao conflito no Oriente Médio.

Um e-mail interno do Pentágono, vazado na semana passada, sugeriu que os EUA poderiam reavaliar o apoio à soberania do Reino Unido sobre as Ilhas Malvinas, no Atlântico Sul, devido à falta de apoio dos britânicos na guerra. Reino Unido e Argentina travaram uma guerra pelas ilhas em 1982.

Em setembro do ano passado, Trump viajou ao Reino Unido, acompanhado da primeira-dama Melania Trump, para se encontrar com Charles. Na segunda-feira, o casal Trump ofereceu a Charles e Camilla um chá e uma visita guiada pela Casa Branca. Em seguida, o casal real participou de uma recepção com centenas de convidados no jardim da residência do embaixador britânico.

A agenda do rei e da rainha inclui ontem um jantar no Salão Oval e um discurso de Charles no Congresso.